

ESTUDO DE CASO - AS ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO DE DEFICIENTES
COM ESPECTRO AUTISTA (TEA) NÍVEL 1 NO ENSINO MÉDIO

AUTOR: GISEBEL MENDES VIEIRA

Resumo

Atualmente o número de autistas tem crescido de uma maneira desenfreada. É necessário que os docentes desenvolvam estratégias que incluam esse público no processo de ensino-aprendizagem. O presente artigo tem como foco central apresentar propostas de conceitos e práticas encontradas para auxiliar professores no processo de inclusão de pessoas com deficiências do Espectro Autista (TEA) no Ensino Médio. A escola receberá no próximo ano 10 jovens que possuem autismo nível 1 ou seja, autismo leve, sendo 6 meninos e 4 meninas. Abordamos aqui o PEI (Plano de Ensino Individualizado), o ensino adaptativo, alguns tipos de tecnologias assistivas e o ensino colaborativo.

Palavras-chaves: Autismo, inclusão, PEI, ensino adaptativo, tecnologias assistivas, ensino colaborativo.

Summary

Currently, the number of autistic people has grown unrestrainedly. It is necessary for teachers to develop strategies that include this public in the teaching-learning process. The main focus of this article is to present proposals for concepts and practices found to assist

teachers in the process of inclusion of people with disabilities on the Autism Spectrum (ASD) in High School. . Next year, the school will receive 10 young people who have level 1 autism, that is, mild autism, 6 boys and 4 girls. We cover here the IEP (Individualized Teaching Plan), adaptive teaching, some types of assistive technologies and collaborative teaching.

Keywords: Autism, inclusion, IEP, adaptive teaching, assistive technologies, collaborative teaching.

1. Introdução

De acordo com Faria (2018) e Francisco Paiva Junior editor-chefe da Revista Autismo “o autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiper foco e movimentos repetitivos)”. É uma doença que teve um crescente aumento nos últimos anos. No Brasil, temos apenas [um estudo](#) de prevalência de TEA até hoje, um [estudo-piloto](#), de 2011, em Atibaia (SP), de [1 autista para cada 367](#) habitantes (ou 27,2 por 10.000) — liderado pelo médico pesquisador Marcos Mercadante, a pesquisa foi feita apenas em um bairro de 20 mil habitantes da cidade. Segundo a [estimativa da OMS](#), o Brasil pode ter mais de 2 milhões de autistas. Baseado nesse aumento desenfreado o nosso estudo busca alternativas para trabalhar a inclusão com 10 alunos do Ensino Médio de uma escola da periferia da capital de São Luís, Maranhão. As crianças serão recebidas na referida escola no próximo ano, sendo 6 meninos e 4 meninas, respectivamente.

1.2 Objetivo Geral: apresentar propostas de conceitos e práticas encontradas para auxiliar professores no processo de inclusão de pessoas com deficiências do Espectro Autista (TEA) no Ensino Médio.

1.3 Objetivos Específicos:

- ✓ Selecionar os conteúdos relacionados a orientação de professores para a inclusão de estudantes com autismo no Ensino Médio.
- ✓ Propor estratégias para trabalhar a inclusão dos 10 jovens autistas nas aulas.

2. Organização

Inicialmente será abordada a proposta metodológica utilizada no desenvolvimento do artigo. Na sequência são descritos os demais tópicos, os quais apresentam um passo a passo com informações encontradas em referências bibliográficas sobre conceitos e práticas que possam nortear e auxiliar os professores no processo inclusivo dos jovens com autismo nível 1.

3. Desenvolvimento

O presente artigo enquadra-se nas definições de uma pesquisa descritiva. Partindo do conceito de Gil (2008), “as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, preocupadas principalmente com a atuação prática”.

Sabe-se que o autismo é uma condição neurológica que afeta o cérebro de uma pessoa, fazendo com que ela apresente características específicas de comunicação, interação social e comportamento. Os tipos podem variar desde o autismo com grau leve (tipo 1), o

moderado (tipo 2) até o severo (tipo 3). Nosso artigo abordará como trabalhar com 10 jovens com grau leve de autismo, ou seja, o tipo 1 no Ensino Médio. Para isso, temos como objetivo central apresentar propostas de conceitos e práticas encontradas para auxiliar professores no processo de inclusão de pessoas com deficiências do Espectro Autista (TEA) no Ensino Médio; e como objetivos específicos: selecionar os conteúdos relacionados a orientação de professores para a inclusão de estudantes com autismo no Ensino Médio; e propor estratégias para trabalhar a inclusão dos 10 jovens autistas nas aulas.

O Ensino Médio é a última modalidade da Educação Básica com duração de três anos. Atualmente, o novo Ensino Médio desenvolve as competências e habilidades necessárias para o desenvolvimento formativo dos jovens e dessa forma, quando finalizam o processo de aprendizagem adquirem uma vaga no mercado de trabalho. Assim sendo, os alunos têm a oportunidade de construir seus projetos de vida de acordo com suas necessidades. Mas como inserir os autistas nessa perspectiva do novo Ensino Médio? O que fazer para ajudar as pessoas que têm TEA a se integrarem nesse novo modelo de ensino?

1º passo:

É necessário conhecer cada aluno deficiente, suas dificuldades e suas potencialidades. Cada pessoa é única. Muitas vezes a pessoa com Espectro Autista não aprende da mesma maneira que uma criança neuro típica. No TEA o processo de aprendizagem é diferente porque “há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, então as informações nem sempre geram conhecimento” (Cunha, 2009). Portanto, torna-se necessário que o professor manuseie diferentes tipos de recursos na aprendizagem, pois cada um aprende de uma maneira diferente. Uma avaliação baseada na investigação é imprescindível para que aconteça o sucesso no ambiente escolar. No autismo nível 1, conhecido popularmente como autismo leve, as características são menos intensas, mas ainda gerem impactos na

comunicação, socialização e comportamento da pessoa. Elas geralmente apresentam formação de frases sem sentido e colocação de palavras em contextos inadequados, têm dificuldades de fazer amizades e interagir com pessoas, apresentam menos contato olho a olho, possuem movimentos repetitivos e fixação por objetos, risadas em momentos inapropriados, dificuldades em focar em tarefas simples, e em alguns momentos ignoram quando são chamados pelo nome. Por isso, sugere-se a implementação do PEI (plano de Ensino Individualizado) para os jovens que serão recebidos na escola.

“O PEI é um instrumento que tem sido utilizado no cenário internacional, em países da Europa e América do Norte, com a finalidade de viabilizar as condições adequadas ao processo de inclusão na escola comum para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais” (Tannús-Valadão, 2010 *apud* Costa e Schimdt e Camargo, 2023).

O PEI é uma estratégia de ensino que orienta para a inclusão social e desenvolvimento personalizado dos alunos. Ele define ações específicas para serem trabalhadas com deficientes de maneira a alcançar resultados positivos no processo de aprendizagem. O Plano de Ensino Individualizado é esquematizado da seguinte forma:

- Identificação do aluno;
- Objetivos Educacionais;
- Estratégias de Ensino;
- Adaptações Curriculares;
- Apoio Pedagógico;
- Apoio Terapêutico;
- Avaliação e monitoramento.

O PEI é um planejamento feito pelo professor em colaboração com o coordenador escolar, educacional especialista especial, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, família e quando possível o próprio aluno.

Uma vez que o PEI é estabelecido, o professor deve fazer alteração de suas atividades e fazer feedback constantemente à medida que alcança ou não seus resultados. É importante sempre chamar a família para comunicar as dificuldades e avanços. Citaremos agora alguns exemplos de estratégias para trabalhar com o autista: o apoio visual é um recurso riquíssimo que ajuda o aluno a acompanhar as aulas, saber quando finaliza um conteúdo e quando começará outro. Para isso, o professor pode usar fotos, imagens ou cartazes e fixá-los na parede para que assim o aluno vá acompanhando o processo de ensino. Outra possibilidade é o uso de intervenções comportamentais específicas que ajudam consideravelmente o processo de inclusão nas instituições escolares regulares. Uma dessas intervenções é a Análise Aplicada do Comportamento (ABA) que é uma prática educativa que envolve o processo de aplicação sistemática de intervenções embasadas nos princípios derivados do comportamento para melhorar condutas socialmente significativos. Ela inclui o ensino de novas habilidades, tais como a vida funcional, comunicação e habilidades sociais; generalização do comportamento de uma situação para outra, como a transferência de habilidades sociais para ambientes naturais; redução da interferência de comportamentos e restrição das condições nas quais os comportamentos inadequados de interferência.

2º passo

Oferecer um ensino adaptativo. “O CA (Comportamento Adaptativo) representa o "conjunto de habilidades conceituais, sociais e práticas que foram aprendidas e são executadas por pessoas em suas vidas cotidianas" (Schalock et al., 2021, p. 32 *apud* Hallberg

e Bandeira, 2021). O ensino adaptativo é uma metodologia educacional que promove uma aprendizagem de qualidade para cada aluno, ajudando-o a utilizar os mais variados recursos tecnológicos, desde os mais simples até os avançados. Nessa etapa é abordada a personalização individual, o uso das tecnologias digitais, a análise contínua, o feedback imediato, flexibilidade curricular, metas claras e mensuráveis, colaboração entre professores e tecnologias. É importante oferecer instrumentos aos autistas que os deixem equiparados às outras pessoas. Nessa perspectiva podemos destacar as tecnologias assistivas (TA) que ajudam o aluno a desenvolver suas competências e habilidades. É um método de ensino no qual o professor usa desde recursos simples até os mais abrangentes e avançados como tecnologias para o desenvolvimento pessoal de cada estudante. Entre os exemplos de TA estão:

- Aplicativos de comunicação aumentativa e alternativa que permitem a criação de símbolos visuais, palavras e frase que auxiliam na formação de palavras e frases; e facilitam a interação entre pessoas.
- Aplicativos de Estímulo à Socialização e Interação: que são projetados para ajudar as pessoas a praticarem habilidades sociais, como iniciar conversas, interpretar expressões faciais e compreender emoções.
- Aplicativos de organização de rotinas: o professor pode fazer uma rotina com todas as informações do que ele vai trabalhar na aula, seja de modo escrito ou através de imagens.

Portanto, o ensino adaptativo busca maximizar o potencial de cada aluno, considerando as suas necessidades, dificuldades e desempenhos individuais, oferecendo-lhes uma educação mais eficaz e inclusiva.

3º Passo

Deve-se oferecer ao aluno o ensino colaborativo. Nos últimos anos, a colaboração entre profissionais tem se tornado essencial para o alcance das metas da Educação Inclusiva. Desse modo, a obra “O que é Ensino Colaborativo?” propõe divulgar os conhecimentos científicos em uma linguagem mais acessível para os professores, permitindo que revejam suas práticas pedagógicas, com o objetivo de torná-las mais inclusivas” (Capellini & Zerbato, 2019 *apud* Costa e Santos, 2020). Assim como a educação é desenvolvida por uma equipe de profissionais especializados, a educação especial não é trabalhada individualmente na sala de aula. É necessário a colaboração e apoio de todos os participantes da Educação Escolar e comunidade, além de profissionais da saúde e especialistas educacionais especializados e principalmente a família e até mesmo o próprio aluno.

O aluno deficiente deve se sentir em um ambiente acolhedor sem exclusão e o ensino colaborativo vem com o intuito de mostrar para ele o quanto é capaz e que a sua diferença não o faz menor que ninguém. O Ensino Colaborativo surge com a função de incluir o autista nas aulas, adaptá-lo ao ambiente escolar e garantir que todos os deficientes tenham acesso a uma educação de qualidade.

4. Considerações Finais

Abrangemos nesse artigo a inclusão dos deficientes com (TEA) no Ensino Médio. É possível identificar inúmeras técnicas e estratégias para trabalhar a inclusão na sala de aula. Sabemos que a inclusão é assegurada por lei, apesar de não ser tão simples a sua aplicação nas escolas. Contudo, torna-se palpável e não existe mais a justificativa de não se aplicar, visto que a gama de informações que as mídias sociais e artigos científicos oferecem são incontáveis.

Nesse contexto, os professores atuam como protagonistas para que a inclusão aconteça. Eles são peças fundamentais na educação e estão munidos com materiais acessíveis que possam dá-lhes todo suporte necessário para a aprendizagem dos autistas.

Com base no conteúdo apresentado, acredita-se que os objetivos foram alcançados. As informações foram organizadas em tópicos com o objetivo de trazer clareza para elucidar os professores a “como” procederem e trabalharem na sala de aula com autistas.

Não queremos aqui trazer receitas prontas, nem modelos para reprodução, mas orientar os docentes a desenvolverem estratégias para buscarem de si mesmos práticas que possam diferenciar suas metodologias e assegurar aos deficientes autistas o direito de uma aprendizagem de qualidade.

Por fim, é possível destacar que o processo de inclusão ainda precisa de mudanças. Com a ajuda do governo, da escola, da comunidade, da família é possível melhorar a qualidade de ensino dos autistas.

5. Referências Bibliográficas

COSTA, Daniel da Silva; SCHMIDT, Carlo; CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher. Plano Educacional Individualizado: Implementação e Influência no Trabalho Colaborativo para a Inclusão de Alunos com Autismo. Revista Brasileira de Educação, 2023.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão – psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro – Wak, 2009

FARIA, E. Galatro. Informações sobre o autismo no Facebook. Linha do tempo, 2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008

HALBERG, S. C. Marceliano; BANDEIRA, D. Ruschel. Para Além do QI: Avaliação do Comportamento Adaptativo na Deficiência Intelectual, 2021.

JUNIOR, F. P. <https://www.canalautismo.com.br/o-que-e-autismo/>